

Blog-jornalismo: interatividade e construção coletiva da informação*

Kátia Fonseca Aguiar

2006

Índice

| | |
|--|---|
| 1 Interatividade e Inteligência Coletiva: conceitos em aberto | 2 |
| 2 Jornalismo Interativo e Coletivo | 4 |
| 3 Blog do Noblat: um exemplo de jornalismo interativo e coletivo | 6 |
| 4 Conclusão | 7 |

Introdução

As últimas décadas foram marcadas por um intenso avanço tecnológico, que se reflete em mudanças significativas em todas as esferas da sociedade. Na comunicação, muita coisa muda, principalmente, com o desenvolvimento da Internet e dos diversos fenômenos comunicacionais nascidos a partir dela.

Nesse contexto, novas formas de jornalismo surgem e se desenvolvem. O web-jornalismo traz novidades na produção, divulgação e consumo de notícias. Os blogs¹

*Trabalho apresentado como requisito parcial para a aprovação na disciplina Pensamento Comunicacional contemporâneo, ministrada pelo professor Delfim Afonso Neto. Curso de Especialização em Comunicação: Imagens e Culturas Midiáticas. Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG.

¹A expressão blog (cunhada pelo norte-americano Jorn Barger em 1997 e inserida em 2003 no dicio-

são exemplos dessas novas maneiras de lidar com a informação no ciberespaço. Com um grande potencial interativo, eles se apresentam como a possibilidade de um jornalismo coletivo, construído a muitas mãos, numa comunicação horizontal. O público deixa de ser encarado como uma massa disforme e passa a se constituir de pessoas, ativas, prontas para se expressarem e opinarem.

Para tentar dar conta da complexidade desses novos fenômenos de comunicação e das transformações sócio-culturais que se processam a partir desse cenário, idéias e conceitos surgem, ganham novos contornos e passam a pautar as discussões sobre comunicação.

Interatividade e Inteligência Coletiva são

nário Oxford da língua inglesa) é uma abreviação de weblog que, por sua vez, vem da junção de duas palavras em inglês: web (forma simplificada de se referir à world wide web), que significa rede, e log, que significa registro. Assim, weblogs ou blogs são uma espécie de registro na web.

Dois características principais os diferenciam de outros tipos de páginas: o microconteúdo e a organização cronológica. Além disso, é marcante o uso dos recursos de comentários, que são espaços onde o leitor ou visitante tem a oportunidade de comentar e criticar as mensagens postadas e até mesmo sugerir assuntos para novas mensagens.

apenas alguns desses conceitos a partir dos quais os pensadores, teóricos, profissionais de comunicação e a sociedade em geral tentam compreender e explicar essa realidade desterritorializada e virtualizada da comunicação mediada por computador (CMC).

1 Interatividade e Inteligência Coletiva: conceitos em aberto

No cenário da comunicação mediada por computador, a interatividade aparece como uma das mais festejadas potencialidades. A definição para o termo, no entanto, não é consensual. Para Lévy, “a interatividade é muitas vezes invocada a torto e a direito, como se todos soubessem perfeitamente do que se trata” (1999, p. 79). Esse uso indiscriminado tanto por parte de técnicos e pesquisadores quanto pelo público em geral gera questionamentos e definições variadas.

De acordo com o dicionário Houaiss de Língua Portuguesa², interatividade se refere à “capacidade de um sistema de comunicação ou equipamento de possibilitar interação”, ou ao “ato ou faculdade de diálogo intercambiável entre o usuário de um sistema e a máquina, mediante um terminal equipado de tela de visualização”. Essas definições trazem à tona dois aspectos comumente relacionados ao termo: a troca intersubjetiva de informações e a mediação dessa troca pela máquina.

Nesse sentido, Lemos (1997) propõe uma classificação das diversas formas de interação que fazem parte do cotidiano. Ele se refere à troca de informações entre homem-homem definindo-a como interação social e à troca entre homem-máquina, denominada

de interação técnica. É no rol desse último tipo de interação que ele situa a interatividade. Assim, para ele, interatividade pode ser caracterizada como “uma ação dialógica entre o homem e a técnica”. Essa ação dialógica pode estar inserida em um contexto analógico-mecânico ou concernida em ambiente eletrônico-digital. Neste caso, além de interagir com a máquina, o homem pode também interagir com o conteúdo, com a informação e com outro homem.

Já Primo restringe a interatividade à “interação mediada por computador”, definindo-a como “uma ‘ação entre’ os participantes do encontro”. Segundo ele, “nesse sentido, o foco volta-se para a relação estabelecida entre os integrantes e não para as partes que compõem o sistema global” (2004, p.38). O autor propõe a existência de dois tipos de interação mediada por computador: a interação mútua, em que ocorre uma transformação em ambos os pólos da comunicação, com constante negociação entre eles e a interação reativa, onde há “previsibilidade e automação nas trocas” (*ibid*, p.55). É possível, ainda, segundo ele, se pensar em um processo de multiinteração, que ocorre quando, numa mesma situação comunicacional, o usuário se depara com interações mútuas (conversas com outra pessoa num chat, por exemplo) e reativas (relacionamento com a interface do software, mouse, teclado etc). “Nesse sentido, em muitos casos, podem-se estabelecer, simultaneamente, interações tanto reativas quanto mútuas” (*ibid*, p.56).

Partindo da idéia de que a interatividade se refere à “participação ativa do beneficiário de uma transação de informações”, Lévy analisa o termo a partir de uma outra perspectiva, mais centrada na mídia, mas sem se deter exclusivamente na comunicação medi-

²Houaiss: <http://houaiss.uol.com.br>

ada por computador. Para ele, qualquer receptor “a menos que esteja morto, nunca é passivo” (1999, p. 79), uma vez que ele decodifica a mensagem que lhe é apresentada e se posiciona em relação a ela. Desta forma, para ele, qualquer situação comunicacional implica em interação, em participação do receptor.

Ainda assim, reforçando o fato de que definir e estudar a interatividade não pode ser tarefa tão simples, Lévy defende que é possível definir o tipo de interatividade a partir da relação entre receptor e mensagem, classificando essa relação em: “mensagem linear não-alterável em tempo real; interrupção e reorientação do fluxo informacional em tempo real e implicação do participante na mensagem”. Ele propõe ainda uma classificação dos dispositivos de comunicação em: “difusão unilateral; diálogo, reciprocidade e diálogos entre vários participantes” (*ibid*, p.83).

Ele apresenta também cinco eixos a partir dos quais é possível se analisar as situações ou dispositivos de comunicação e compreendê-los no que concerne a seu grau de interatividade maior ou menor:

- as possibilidades de apropriação e de *personalização* da mensagem recebida, seja qual for a natureza dessa mensagem,
- a *reciprocidade* da comunicação (a saber, um dispositivo comunicacional ‘um-um’ ou ‘um-todos’),
- a *virtualidade*, que enfatiza aqui o cálculo da mensagem em tempo real em função de um modelo e de dados de entrada,

- a *implicação* da imagem dos participantes nas mensagens,
- a *telepresença* (*ibid*, p.82).

Ele ilustra sua idéia com diversos exemplos e salienta que uma mesma mídia pode apresentar diferentes graus de interatividade, dependendo do eixo escolhido para se proceder a análise.

A partir da explanação e das discussões desses autores, que são apenas alguns dos que tratam deste tema, é possível perceber que o termo interatividade, assim como as suas implicações podem ser analisados tendo em vista vários enfoques, várias perspectivas.

É em função dessa multiplicidade e das dificuldades de se formular um conceito único e válido em qualquer situação que Lévy chama a atenção para o fato de que “a interatividade assinala muito mais um problema, a necessidade de um novo trabalho de observação, de concepção e de avaliação dos modos de comunicação, do que uma característica simples e unívoca atribuível a um sistema específico” (1999, p.82).

Assim, para se fazer um estudo de um blog informativo a partir do seu potencial interativo é necessário, antes, se fazer um recorte nesse conceito amplo. Para esta análise, especificamente, parece ser viável a utilização do eixo que Lévy chama de “reciprocidade da comunicação”. Essa reciprocidade é uma das marcas dos blogs, que se mostram como ambientes propícios para a troca de informações, para o diálogo e para a construção coletiva da notícia.

Essa conjuntura de troca e de colaboração para a construção da informação é uma das bases para o que Lévy chama de inteligência coletiva. “Uma inteligência distribuída

por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (2003, p.28).

O conceito de inteligência coletiva remete à idéia de um princípio em que as inteligências individuais são somadas e compartilhadas por toda a sociedade. Esse compartilhamento é possibilitado pela interconexão das inteligências individuais que, por sua vez, é potencializada pelo advento das novas tecnologias de comunicação, como a Internet. O ciberespaço seria, portanto, não mais que “o indispensável desvio técnico para atingir a inteligência coletiva” (LÈVY, 1999, p.130).

Para chegar à proposta de uma inteligência coletiva, Lèvy (2003) parte de um viés evolucionista e apresenta quatro diferentes fases por que a humanidade passou ou vem passando, chamando a atenção para o fato de que o surgimento de um novo período não exclui os anteriores, mas convive com eles e os complementa.

Num primeiro momento, que ele chama de espaço nômade da terra, a identidade se constrói a partir de totens e linhagens e a comunicação se dá através de ritos e mitos. Em seguida, no que ele chama de espaço do território, surgem a escrita, a geometria e a cartografia e as identidades passam a se constituir a partir da inscrição territorial. Um terceiro momento, chamado de espaço das mercadorias é marcado pela construção da identidade a partir do lugar na produção e no consumo, enquanto que a sociedade se organiza em torno da economia, dos bens materiais e da estatística.

Por fim, no chamado espaço do saber, a identidade se baseia em competências, na cooperação e na hibridização contínua ao passo que a sociedade converge em torno do ci-

berespaço e da economia do conhecimento. Esse período, também chamado de noolítico ou de noosfera, não existe propriamente, mas está em pleno processo de construção e encontra suas bases na inteligência coletiva.

Esta inteligência se assenta sobre dois conceitos fundamentais: cooperação e competição. O aspecto cooperativo se refere ao vínculo social proporcionado pela dinâmica criada pelos participantes dos eventos comunicativos que têm lugar no ciberespaço. Uma dinâmica orientada pela horizontalidade das relações e pela sinergia das colaborações individuais. Já o aspecto competitivo se refere ao constante debate de idéias contraditórias ou divergentes que surgem nesse ambiente.

Sob essa ótica, é possível se pensar os blogs informativos como ambientes interativos de cooperação e competição, em que a informação jornalística é construída coletivamente e permanentemente alterada e ampliada tanto pelo jornalista quanto pelos leitores/usuários, através dos conflitos que surgem ao longo do processo.

2 Jornalismo Interativo e Coletivo

Por se tratar de ferramentas comunicacionais simples, baratas e de fácil utilização³,

³A principal atração dos blogs é a facilidade para se criar e manter uma página. O blogueiro não precisa conhecer e entender linguagens de programação (HTML). Ele tem a sua disposição templates (modelos) prontos que devem ser seguidos. Esses modelos facilitam todo o processo de criação e manutenção, que passa a ser, então, realizada de uma forma intuitiva e visual, sem a necessidade de complicados códigos. No Brasil, alguns servidores disponibilizam essas ferramentas, como Blogger, Weblogger, Blig, dentre outros.

os blogs vêm se multiplicando na rede, assim como vêm se multiplicando, também, as formas de utilização e os objetivos deste tipo de páginas. O que nasceu como um “querido diário” virtual ou como uma espécie de guia de navegação⁴ ganha nova roupagem e começa a despontar como uma nova tendência jornalística. Além de divulgar informações e desabafo do autor, alguns blogs assumem um caráter informativo e tratam de política, economia, esporte, além, é claro, de trazer as considerações, críticas e opiniões do autor sobre esses assuntos. Debates, divergências de opiniões, interpretações variadas têm, nesse meio, espaço garantido.

Como toda novidade, os blogs estão longe de serem unanimidade no meio acadêmico e jornalístico. Por se tratar de um veículo ainda novo e em pleno processo de construção, eles ainda são encarados com ressalvas tanto por jornalistas quanto por pesquisadores da área de comunicação.

A principal polêmica surge com o primeiro grande furo dado por um blog: a divulgação do caso entre o então presidente norte-americano Bill Clinton e a estagiária Mônica

⁴As primeiras páginas desse tipo surgiram em meados da década de 1990 e se apresentaram como uma espécie de guia para os usuários. Através de links para outras páginas, o editor do blog conduzia o leitor no emaranhado de sites que se acumulavam desordenadamente na web. Esses links normalmente vinham acompanhados de um texto explicativo ou crítico. Com o desenvolvimento de ferramentas de buscas mais eficazes, eles perderam sua função de organização dos conteúdos espalhados pela web. Ganhou mais espaço, então, uma versão que já existia, mas passou a se destacar: a versão eletrônica do “querido diário”. Nesse contexto, os blogs se tornam espaço para o registro de confissões e divagações pessoais dos seus editores. Esse viés sempre esteve presente nos blogs, mesmo naqueles que se propunham a guiar os internautas na busca de informações na internet.

Lewinsky, por Matt Drudge⁵, em janeiro de 1998. Na época, o blog foi chamado, pejorativamente, de “panfleto digital” e suscitou uma discussão até hoje acirrada acerca da validade de se considerar os blogs como veículos jornalísticos (RECUERO, 2003).

Discussão esta que ganhou novo fôlego em 2003, no episódio da invasão do Iraque pelo exército americano. Com informações censuradas tanto pelo governo do Iraque quanto pelo exército americano, surge o blog de Salam Pax⁶, um suposto iraquiano que descrevia tudo o que via, ouvia ou presenciava durante a invasão a Bagdá. O “blogueiro de Bagdá”, como ficou conhecido, acabou se transformando em fonte de informações sobre o desenvolvimento da guerra. Durante o conflito, outros blogs surgiram, tanto de jornalistas que faziam a cobertura da guerra, quanto de pessoas comuns narrando suas experiências (RECUERO, 2003).

A discussão acerca da validade dos blogs como veículos jornalísticos se justifica, afinal, eles tocam em pontos cruciais e delicados do jornalismo, como a objetividade e a neutralidade.

Silva ressalta que “aquilo que é veiculado em um blog não tem a pretensão de ser uma informação ‘neutra’. Ao contrário, existe o pressuposto claro de que alguém escreve e que a informação corresponde ao relato, à opinião deste alguém sobre o evento” (2003).

Não se trata de dizer que a expressão de opinião seja algo novo na mídia e que textos opinativos não façam parte da imprensa convencional. Ao contrário, as opiniões, explícitas ou não, sempre tiveram espaço no jor-

⁵Blog de Matt Drudge:
<http://www.drudgereport.com>

⁶Blog de Salam Pax:
<http://www.dearraed.blogspot.com>

nalismo em todas as suas formas. Mas, no ambiente digital, mais especificamente nos blogs,

vemos o fenômeno mais caracterizado, onde se fomentam discussões e debates através da análise e opinião nos textos. Estes debates traduzidos sob forma de opiniões e discussões são estimulados através dos sistemas de comentários, dentro dos quais os leitores podem interagir com a publicação e com o autor. (SILVA, 2003, p. 8).

Na blogosfera⁷, a relação entre o jornalista e o leitor é radicalmente diferente daquela estabelecida entre eles na mídia convencional, já que existe uma troca constante de dados, uma produção e compartilhamento de sentidos através da relação entre os sujeitos envolvidos e não a transmissão de informações pura e simples. Essa troca também está presente em outras mídias através das seções de cartas de leitores, por exemplo. Mas, nos blogs essa participação é ampliada e a relação que se estabelece é mais próxima e horizontal.

Partindo do pressuposto de que o jornalismo se assenta sobre a publicação periódica de informações de interesse da coletividade através de meios de comunicação massiva, pode-se dizer que os blogs constituem, de fato, uma forma de jornalismo. Em contrapartida, alguns pressupostos do jornalismo estão ausentes dessa prática, como a transmissão de informações, que nos blogs não são meramente fornecidas, mas construídas coletivamente por jornalista/blogueiro e leitores/visitantes. A ênfase na objetividade e

⁷Blogosfera: neologismo que se refere ao mundo dos blogs.

na neutralidade, como já foi comentado anteriormente, é outro aspecto considerado relevante no jornalismo e que se rompe no blog.

O fato é que os blogs são uma realidade que vem mexendo com as estruturas da mídia convencional. Algumas empresas jornalísticas já percebem essa situação e investem nessa nova forma de comunicação. Os principais sites noticiosos brasileiros como O Globo⁸, O Estado de São Paulo⁹, Último Segundo¹⁰ e Folha de São Paulo¹¹, por exemplo, criam blogs para seus colunistas e mantêm uma comunicação paralela com seu público através deles, inclusive utilizando chamadas nas suas páginas principais para textos desses blogs. Enquanto isso, nos Estados Unidos, o jornal The New York Times¹², por exemplo, proibiu seus jornalistas de manterem este tipo de página pessoal.

A discussão é pertinente e deve se alongar por muito tempo ainda antes que se chegue a um consenso. Mas, a realidade é que muitos jornalistas estão virando blogueiros e muitos blogueiros estão desempenhando o papel de jornalistas.

3 Blog do Noblat: um exemplo de jornalismo interativo e coletivo

Ricardo Noblat é um desses jornalistas que viraram blogueiros. Depois de passar por importantes veículos impressos do país, como as revistas Veja e Istoé, Jornal do Bra-

⁸Jornal O Globo: <http://oglobo.globo.com>

⁹O Estado de São Paulo:
<http://www.estadao.com.br>

¹⁰Último Segundo: <http://ultimosegundo.ig.com.br>

¹¹Folha de São Paulo: <http://www.folha.uol.com.br>

¹²The New York Times: <http://www.nytimes.com>

sil e Correio Brasiliense, ele “migrou” para a web. O Blog do Noblat¹³ está no ar desde março de 2004, fazendo a cobertura dos bastidores da política brasileira.

A web-estréia do jornalista acontece em função de uma coluna semanal mantida no jornal O Dia. Como suas notas não se sustentavam até o final da semana, surgiu a idéia de criar um blog para poder atualizar os textos mais freqüentemente. Assim, ele poderia aproveitar a possibilidade de realizar atualizações contínuas em seus textos.

Mesmo com o fim da coluna, o blog se manteve e passou a servir de referência na discussão de assuntos ligados à política nacional. Em tempos de corrida presidencial o acesso à página aumenta e, conseqüentemente, o número de posts e de comentários também.

Entre os dias 30 de abril e 06 de maio foram disponibilizados 281 posts, entre textos e imagens, numa média de 40 blocos de informações por dia. O número de acessos não é disponibilizado na página, mas os comentários giraram em torno dos 1.820 por dia, totalizando 12.759 comentários ao longo da semana.

Dois assuntos ganharam destaque durante esse período: a greve de fome do pré-candidato à presidência da República, Anthony Garotinho e a crise do gás combustível deflagrada pelo anúncio da estatização da exploração do petróleo feita pelo governo boliviano.

Quanto ao primeiro assunto, a greve de fome de Anthony Garotinho, tantos os textos do jornalista quanto os comentários são fortemente marcados pela ironia. Já em relação ao segundo tema, a crise em torno da

estatização da exploração de petróleo pelo governo da Bolívia, o tom dos textos, bem como dos comentários é mais sério. Sobre esse assunto, os debates são mais acirrados entre os leitores simpatizantes do Partido dos Trabalhadores e os que rechaçam o governo federal.

A possibilidade oferecida aos leitores para que eles deixem suas impressões faz com que o espaço dos comentários seja convertido em uma espécie de palanque político. Idéias divergentes se encontram e os conflitos aparecem. Essa troca de informações e esses debates sobre temas polêmicos são exemplos claros daquilo que Primo (2004) chama de interação mútua, em que ocorrem constantes negociações. Essa realidade remete, também, à idéia de Lèvy de que a interatividade se refere à participação ativa daquele que recebe a informação e ao diálogo entre vários participantes ou, ainda, à reciprocidade da comunicação.

Esse ambiente de troca e compartilhamento de sentidos pode ser entendido como aquele que Lèvy considera adequado para a construção da inteligência coletiva, que supera a mera somatória de saberes individuais e emerge como uma nova forma de lidar com o conhecimento e com a informação.

4 Conclusão

Polêmica e mutante, a Internet se mostra um campo fértil para o surgimento de novas formas de comunicação e, conseqüentemente, para novas discussões acerca das mesmas. Situações novas pedem conceitos novos e é exatamente isso que vem acontecendo em torno da “grande rede”.

Conceitos como cibercultura, ciberespaço, interatividade, inteligência coletiva, webjor-

¹³Blog do Noblat: <http://noblat1.estadao.com.br>

nalismo dentre tantos outros nascem, se transformam, ganham destaque no meio acadêmico e fora dele. Conceitos estes que nem sempre encontram uma definição clara e precisa. Do mesmo modo, novos veículos de informação surgem, como os blogs, por exemplo, e trazem consigo o embrião de mais e mais discussões acadêmicas ou não.

Analisar um dispositivo comunicacional novo sob a ótica de conceitos igualmente novos não é tarefa fácil, mas, com certeza, é algo instigante e desafiador. Essa, contudo, é uma área movediça em que as certezas se perdem facilmente e sempre há coisas novas, olhares novos, problemas novos surgindo.

Assim, o presente trabalho não tem, nem poderia ter, a intenção de apresentar uma idéia conclusiva e definitiva sobre os blogs informativos como ambientes interativos de construção coletiva da inteligência. Mas, a partir da análise desses conceitos e do que vem sendo postulado por autores que tratam desses temas, é possível se tirar algumas conclusões provisórias a esse respeito.

Não é difícil perceber que a postura do sujeito inserido nesse contexto muda sensivelmente. Ele já não recebe passivamente as informações, mas precisa acessá-las, buscá-las. E, ele também não apenas absorve as informações, mas também ajuda a construí-las, fornecendo uma resposta ao emissor, agora convertido em seu interlocutor.

Nesse contexto, mudam os papéis do jornalista e do leitor. A dissolução dos pólos emissor-receptor, o deslocamento do papel do jornalista que passa de emissor para coautor e o caráter fluido, inconstante e permanentemente em construção da informação são algumas das características das peculiaridades da informação veiculada na Rede.

Embora haja um questionamento a res-

peito da validade desse jornalismo feito em blogs, o fato é que a utilização desse tipo de recurso é cada vez maior e vem se mostrando eficaz não para a mera transmissão de informações, mas para o estabelecimento de debates e diálogos e para a promoção de uma participação mais efetiva do público na construção da informação.

Não se trata, de forma alguma, de dizer que essa nova forma de jornalismo que emerge com o surgimento dos blogs vá substituir o jornalismo convencional. No entanto, não se pode simplesmente fechar os olhos a essa realidade. Os blogs estão aí, informando, promovendo a construção e o debate de idéias e de informações. Em parceria com a mídia convencional, eles surgem como uma forma de comunicação complementar, que aproxima jornalista e leitores, veículo e público.